HÍPIAS MENOR OU DO FALSO

Tradução Portuguesa

JOSÉ COLEN
Universidade do Minho

Platão e Sócrates

[363a] Êudico – Mas, Sócrates, porque estás silencioso depois de Hípias ter feito uma declamação sobre coisas tão magníficas? Porque não aplaudes connosco a sua exposição, ou então refutas o que julgas ter dito mal? Fala, tanto mais que agora ficámos sós, aqueles que clamam o privilégio de perseguir o exercício da filosofia!

[363b] Sócrates – É certo, Êudico, que existem, nas afirmações que fez agora Hípias acerca de Homero, questões que teria prazer em esclarecer. Com efeito, ouvi o teu pai Apemanto dizer que a Ilíada de Homero é um poema mais belo[2] que a Odisseia, e superior em nobreza na medida em que Aquiles é superior em mérito a Ulisses. Pois argumentava sobre estes dois poemas, que cada um tinha sido composto em honra de um destes dois heróis, Ulisses num caso, o outro em honra de Aquiles. Eis, pois, uma questão sobre a qual gostava de inquirir Hípias, se lhe agradasse: saber a sua opinião a respeito destes dois homens. [363c] Qual dos

---

[1] Hipias "falso" ou "nobre", pois a palavra tem ambos os sentidos.

[2] José Colen é doutorado em Ciência Política, investigador convidado do CESPRA na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris), investigador associado ao CEH da Universidade do Minho (Braga) e bolseiro da Fundação da Ciência e Tecnologia. Foi docente convidado no IEP da Universidade Católica Portuguesa. Recebeu o prémio Raymond Aron 2010 para as ciências sociais pela edição da sua tese. Publicou recentemente os livros: *Votos, governos e mercados* (Lisboa, 2010), *Futuro do político, passado do historiador* (Lisboa, 2010), *Guia de introdução à filosofia da história* (Lisboa 2011), *Facts and Values: a Conversation* (Londres 2011) e Leo Strauss, *O problema de Sócrates* (ed.), Lisboa 2012, bem como diversos artigos e comunicações.

.

dois tem, segundo a sua opinião, mais mérito, visto que nesta conferência nos brindou com muitas e variadas espécies de coisas, tanto sobre outros poetas como sobre Homero.

Êudico – Pois bem, é claro que Hípias não recusará responder-te, se o interrogares. Não é verdade, Hípias, que se Sócrates te fizer alguma pergunta, lhe responderás? Sim ou não?
Hípias – De facto, Êudico, seria estranho recusá-lo. Quando na época dos festivais olímpicos venho de Eleia, o meu país, para o lugar santo de Olímpia, para a assembleia solene da Grécia, [363d] e aí me apresento em público no templo, coloco-me à disposição de quem quiser, tanto para tratar sobre um dos temas do meu reportório, como para responder às questões de quem me quiser interrogar. Porque me esquivaria agora às interrogações de Sócrates?

[364a] Sócrates – Na verdade, Hípias, que felicidade a tua, se em cada Olimpíada, ao chegar ao templo, confias assim tanto na tua alma a respeito da sabedoria! Espanto-me se algum dos atletas, ao vir aqui concorrer, estiver a respeito do seu corpo, tão isento de temor, tão pleno de confiança no corpo como tu dizes estar na tua inteligência.

Hípias – É certo, Sócrates, que tenho esse sentimento; pois, desde que comecei a concorrer nas Olimpíadas nunca encontrei ninguém que me batesse em nenhum aspecto.

[364b] Sócrates – Assim é que é falar, Hípias. Para a cidade de Eleia e para os teus antepassados, que monumento ao saber é uma fama como a tua! Mas, enfim, sobre Aquiles e sobre Ulisses, o que nos dizes tu? Qual dos dois é melhor e em que aspecto? Enquanto estávamos lá dentro com muita gente e proferias a tua conferência, perdi o fio à meada sobre certas coisas que dizias. Hesitei em colocar-te questões lá dentro tanto porque havia uma multidão numerosa como porque ao interrogar-te temia estorvar o desenvolvimento da exposição. Mas agora que somos menos numerosos e Êudico me convida a interrogar-te, fala

e explica-nos claramente o que dizias sobre estes dois heróis! [364c] Como diferencias um e outro?

Hípias – Pois bem, Sócrates, estou disposto a expor-te ainda mais claramente do que há pouco, o que tenho a dizer tanto sobre estes homens como sobre outras matérias. De facto, o que defendo é que Homero apresentou Aquiles como o mais valente[3] daqueles que aportaram a Tróia; Nestor como o mais sábio; e Ulisses como mais versátil[4].

Sócrates – Misericórdia, Hípias! Farás o favor de não troçar de mim, se tenho dificuldade em compreender as tuas palavras e se repito as questões várias vezes? [364d] Tenta antes de responder-me com paciência e bons modos.

Hípias – Seria realmente vergonhoso, Sócrates! Eu, que ensino o mesmo a outros e me julgo no direito de me fazer pagar a esse título, seria incapaz de não condescender contigo quando me interrogas, ou de não ser gentil ao responder-te!

Sócrates – Assim é falar amavelmente! É que, vês, pensava compreender o que dizias, quando proclamavas Aquiles o mais valente e, também, quando declaravas Nestor o mais sábio. [364e] Em compensação, quando disseste que o poeta pintara Ulisses como o mais versátil dos homens, para te falar com franqueza, não percebo o que dizes. Responde-me pois, talvez compreenda melhor desta forma: não é como um homem versátil que Aquiles foi pintado por Homero?

---

[3] *Aristos* (o mais valente, o melhor) é o superlativo de *agahtos* (bravo, bom). O sentido primário é o de valentia, mas os heróis parecem acreditar que lutar com bravura na primeira linha da batalha é simplesmente ser bom, fazer o que está certo, e que merece a honra (*Ilíada*, IX, 313 e ss.)

[4] *Politropotatos* é o superlativo do epíteto homérico de Ulisses, *politropos* que aparece duas vezes na *Odisseia* (I, i, X, 330) e parece significar "que revolteia muito", "que vagueia muito". Outros epítetos comuns são *polimetis* (engenhoso), *poikilometes* (de mente versátil), *poliphron* (muito sagaz). Lidell e Scott insistem que a palavra não significa ardiloso mas viajado, mas traduzimos como versátil segundo a interpretação de Hípias (cfr. 365b).

Hípias – De modo nenhum, Sócrates! Pelo contrário, é o homem mais simples[5], visto que nas Preces[6], quando relata o encontro dos chefes, eis o que atribui a Aquiles em resposta a Ulisses:

> [365a] "Ó descendente de Zeus e filho de Laertes, industrioso Ulisses,
> é preciso que sem rodeios te informe da minha decisão
> tal como a vou pôr em prática e espero levar a cabo.
> Pois, não menos que as portas do Hades [365b]
> abomino o homem que oculta uma coisa no seu coração e diz outra!
> Mas vou falar-te e o que disser é o que levarei a cabo"[7].

Nestes versos o poeta mostra o carácter dos dois heróis: Aquiles, verdadeiro e simples; Ulisses, versátil e falso. É por isso que Aquiles dirige estas palavras a Ulisses.

Sócrates – Agora, Hípias, talvez já compreenda o que queres dizer: chamas homem versátil ao homem que é falso ou pelo menos assim parece. [365c]

Hípias – Precisamente, Sócrates! É com efeito desta maneira que Homero pintou Ulisses em várias passagens, tanto na Ilíada como na Odisseia.

Sócrates – Mas então, na opinião de Homero, ao que parece, uma coisa é o homem verdadeiro, outra era o homem falso, mas não são o mesmo.

Hípias – Como podia ser de outro modo?

Sócrates – É esta também a tua opinião, Hípias?

---

[5] Burnet acrescenta [e verdadeiro] usando uma edição Stephanus baseada num manuscrito de menor qualidade, mas Hípias reintroduz a expressão mais adiante.
[6] É o nome antigo (cfr *Crátilo* 428c) para cena central da Ilíada, da embaixada a Aquiles.
[7] Versos da *Ilíada* IX, 308-314, mas Híplas deixa cair o verso 311 e altera o verso 310 de "penso" para "vou pôr em prática", e no verso 314 "que me parece melhor" para "o que levarei a cabo".

Hípias – Com certeza! Seria estranho, com efeito, que não fosse assim.

Sócrates – Nesse caso, deixemos Homero em descanso, [365d] visto que de qualquer modo é impossível pôr-lhe questões sobre o que tinha em mente quando compôs estes versos. Mas, visto tu que tomas abertamente a sua causa entre mãos e que partilhas essa opinião que, segundo dizes, é a de Homero, responde-me, tanto em teu nome como em nome de Homero!

Hípias – Assim farei. Sê breve nas questões que te agrade colocar-me!

Sócrates – As pessoas que dizes serem falsas, são daqueles, como os doentes, a quem falta capacidade[8] para fazer determinada coisa, ou têm a capacidade de fazer algo?

Hípias – Pela minha parte, penso que são aqueles que têm capacidade para uma multidão de acções e muito especialmente para enganar os homens.

[365e] Sócrates – Segundo as tuas próprias palavras, pois, ao que parece têm a capacidade e são versáteis. Não é verdade?

Hípias – Sim.

Sócrates – Ora são versáteis e enganadores, por ingenuidade e imprudência, ou por maliciosa falta de escrúpulos e em virtude de certa prudência?

Hípias – Por maliciosa falta de escrúpulos e em virtude de certa prudência.

Sócrates – De maneira que são prudentes, ao que parece?

[8] Capaz ou incapaz podem também traduzir-se como "têm o poder" ou "falta-lhes o poder".

Hípias – Sim, por Zeus, e até demasiado!

Sócrates – Ora se são prudentes, fazem o que fazem com conhecimento de causa? Ou sem consciência?

Hípias – Ah! Creio bem que têm pleno conhecimento! É por isso que fazem mal!

Sócrates – E, visto terem o conhecimento do que conhecem, são ignorantes ou sábios?

[366a] Hípias – Sábios, com certeza! Pelo menos no que respeita à arte de enganar outros!
Sócrates – Atenção! Recapitulemos o que dizes: os homens falsos têm capacidade, prudência, conhecimento e saber precisamente acerca das coisas em relação às quais são falsos.

Hípias – De facto, é o que digo!

Sócrates – Além disso, dizes que homens verdadeiros e os falsos são diferentes e tão opostos quanto possível uns em relação aos outros?

Hípias – É o que digo.

Sócrates – Vejamos pois! Entre as pessoas que têm capacidade e saber estão, aparentemente, aqueles que são homens falsos, segundo as tuas próprias palavras?

Hípias – Certamente!

[366b] Sócrates – Por outro lado, quando dizes que os homens falsos têm capacidade e saber nessa arte, queres dizer que têm a capacidade de dizer falsidades quando lhes agrada? Ou que essa capacidade lhes falta em relação àquilo sobre que dizem falsidades?

Hípias – Digo que têm essa capacidade.

Sócrates – De maneira que, para fazer um resumo, os homens falsos são ao mesmo tempo os que sabem e têm capacidade de dizer falsidades?

Hípias – Sim.

Sócrates – Portanto, um homem incapaz de dizer falsidades e sem o saber necessário, não seria um homem falso?

Hípias – É como dizes.

[366c] Sócrates – Ora há, em suma, alguns com a capacidade de fazer o que lhes agrada, quando isso lhes agrada. Não me refiro aos que são impelidos por doença ou causas análogas; mas àqueles que têm uma capacidade, como a de escrever o meu nome quando te agrada. Não é ao que se encontra nessa situação que tu chamas "capaz"?

Hípias – Sim.

Sócrates – E agora diz-me, Hípias, não tens competência em aritmética e na ciência do cálculo?

Hípias – E muita, certamente, Sócrates!

Sócrates – Portanto, mesmo se te perguntasse qual é o produto de 3 por 700, não responderias, com celeridade e exactidão, a verdade acerca disso?

[366d] Hípias – Claro que sim!

Sócrates – Não é porque, nesse capítulo, és o mais capaz e o mais sábio?
Hípias – Sim.

Sócrates – Mas, és apenas muito sábio e muito capaz ou possuis a excelência nestas matérias do cálculo em que precisamente levas a palma a toda a gente, graças à tua capacidade e saber?

Hípias – Possuo a excelência também, com certeza, Sócrates!

[366e] Sócrates – Portanto, dirias a verdade sobre estas matérias com uma capacidade superior, ou não?

Hípias – Assim o creio; pela minha parte!

[e] Sócrates – E quanto à falsidade sobre estas mesmas matérias? Assim como fizeste antes, responde-me Hípias, com nobreza e magnanimidade. Se alguém te perguntasse "3 vezes 700 quantos são?", não serias o mais capaz de falsear a questão com precisão e não poderias dizer coisas falsas quando te agradasse e nunca responder a verdade? Ou seria aquele que não sabe calcular que melhor seria capaz de falsear a verdade? [367a] Não aconteceria antes, muitas vezes, a este homem que não sabe, quando quisesse dizer falsidades, pelo contrário, involuntariamente dizer a verdade, devido à sua ignorância, enquanto tu, que sabes, se quisesses falsear a verdade, conseguirias sempre fazer valer as tuas falsidades?

Hípias – Sim, é como dizes.

Sócrates – E agora, o homem apto para falsear a verdade, está apto para a falsear sempre, excepto em relação aos números? Não diria falsidades também em aritmética?

Hípias – Sim, por Zeus! Também no que respeita aos números!

Sócrates – É preciso, portanto, Hípias, que tenhamos como firme ainda isto: que existe uma espécie de homem capaz de falsear a verdade no que respeita ao cálculo e à aritmética?

[367b] Hípias – Sim.
Sócrates – Mas, quem seria? Não lhe cabe ter, se é capaz de falsear a verdade, como concordavas agora mesmo, uma certa capacidade para falsear? Pois disseste, se bem te lembras, que aquele que é incapaz de falsear, nunca se tornará capaz dessa falsificação.
Hípias – Sim; lembro-me e foi isso que foi dito.

Sócrates – Mas não te apresentaste, agora mesmo, como o mais capaz de falsear a verdade relativamente aos cálculos?

Hípias – Sim, foi também o que foi dito.

[367c] Sócrates – Mas não és tu também o mais capaz de dizer a verdade no que se refere aos cálculos?

Hípias – Sim, absolutamente.

Sócrates – Portanto, em matéria de cálculos, é um só e o mesmo o homem que tem a capacidade de dizer o que é falso e o que é verdadeiro. É o especialista em cálculo, aquele que nisso é bom.

Hípias – Sim.

Sócrates – Então Hípias, quem pode vir a falsear a verdade em matéria de cálculos senão aquele que nisso é bom? Pois é ele que detém essa capacidade, uma vez que também é ele que diz a verdade.

Hípias – Assim parece.

Sócrates – Então não vês que o mesmo homem é falso e verdadeiro sobre essas coisas, e o que é verdadeiro não é superior àquele que é falso? [367d] É, com efeito, certamente o mesmo homem e não tem, como pensavas ainda agora, as características mais opostas.

Hípias – Pelo menos, neste caso, assim parece.

Sócrates – Desejas ainda examinar outros casos?

Hípias – Se o desejas…

Sócrates – Pois bem. Em geometria não és igualmente competente?

Hípias – Sou.

Sócrates – E então, não se passa da mesma maneira em geometria? Não é o mesmo homem, ou seja o geómetra, aquele que é o mais capaz, sobre as figuras geométricas, de dizer tanto falsidades como verdades?

Hípias – Sim.

[367e] Sócrates – Mas em relação às figuras geométricas, há outro que seja bom além dele?

Hípias – Não há mais ninguém.

Sócrates – Se é assim, não é o bom e sábio em geometria, aquele que possui no mais elevado grau a capacidade de uma e outra atitude? E não é certo que, em matéria de figuras geométricas, não existe ninguém com tanta capacidade para falsear a verdade, como aquele que é bom? Pois aquele que tem essa capacidade, enquanto o mau não tem a mesma capacidade para falsear a verdade! De maneira que, como concordámos, é impossível estar em posição para falsear a verdade, se não se detém essa capacidade.

Hípias – É exacto.

Sócrates – Examinemos ainda um terceiro homem, o astrónomo, [368a] em cuja arte tu pensas ter ainda mais conhecimentos que nas precedentes! Não é verdade, Hípias?

Hípias – Sim

Sócrates – Pois bem! Em astronomia não se passa também o mesmo?

Hípias – Sim, é verosímil, Sócrates.

Sócrates – Portanto, em astronomia também, se há alguém capaz de dizer falsidades será o bom astrónomo, aquele que tem a capacidade de falsear a verdade. Não pode ser aquele que é incapaz, pois é ignorante.

Hípias – Assim parece.

Sócrates – Portanto, também em astronomia o mesmo homem é o mais verdadeiro e o mais falso.

Hípias – É verosímil.

[368b] Sócrates – Adiante, pois, Hípias! Deixa-me levar-te a fazer um exame semelhante em todas as ciências, para te assegurares de que em nenhuma se passam as coisas de maneira diferente! Ora, tu és, entre todos os homens, o mais sábio nas mais numerosas artes, como um dia ouvi gabares-te na Ágora, quando diante das bancas do mercado, descrevias a extensão do saber que possuis! Tu afirmavas ter uma vez vindo a Olímpia, trazendo sobre o corpo coisas feitas por ti próprio, sem excepção: primeiro – pois é por aí que começavas – o anel que trazias era da tua lavra; [368c] em seguida o sinete, obra tua também; e a tua raspadeira e a tua ânfora de azeite, eram também fabricadas pelas tuas mãos. Depois, os sapatos que levavas, eras tu que tinhas moldado o couro; o teu manto, eras tu quem o tinha tecido, tal como a tua túnica. O que, enfim, em verdade, no juízo de todos, era o facto mais desconcertante[9] e um testemunho probatório de um saber sem limites, era o cinto que tinhas na tua túnica, semelhante, dizias tu, às faixas mais sumptuosas da Pérsia, entrançado pelas tuas mãos! Não é tudo: tinhas vindo, declaravas, com um arsenal de poemas, versos épicos, tragédias, ditirambos, e uma variedade de composições oratórias em prosa. [368d] E a propósito dessas artes, o teu saber, a ouvir-te, tinha atingido um nível excepcional; tanto no que respeita a ritmos, harmonias, correcção gramatical e, além disso, uma multidão de

[9] *Atopotaton* pode significar também o mais absurdo.

outras coisas, tanto quanto posso recordar. Há, no entanto, uma que esqueci: a arte da mnemónica, obra tua ao que parece, na qual pensas ter adquirido esplendor sem igual; e julgo ainda pecar pelo esquecimento. [368e] Mas regresso ao que dizia: põe o teu olhar sobre as tuas próprias artes – essas bastam – e sobre aquelas que outros praticam e responde-me, se encontras entre aquilo em que nos pusemos de acordo, tu e eu, de uma maneira ou de outra, uma só em que seja diferente o homem verdadeiro e o homem falso, cada um para o seu lado, em vez de ser o mesmo homem? Imagina qualquer género de saber – ou de habilidade sem escrúpulos – como mais te agrade chamar-lhe [369a], pois não o encontrarás meu camarada, visto que não existe! Vamos, responde-me!

Hípias – Não sou capaz, Sócrates, pelo menos de momento!

Sócrates – Nem o serás no futuro, creio. Mas para saber se tenho razão, não tens senão que te lembrar das consequências para a nossa discussão, Hípias!

Hípias – Não percebo onde queres chegar...

Sócrates – Neste momento sem dúvida que não está a fazer apelo à tua arte da mnemónica – com efeito, julgas não ter necessidade dela. Pois bem, vou despertar as tuas recordações. [369b] Bem sabes que disseste que Aquiles é um homem verdadeiro e Ulisses um homem falso e versátil?

Hípias – Sim.

Sócrates – Agora, dá-te conta que se tornou manifesto a nossos olhos que é o mesmo homem tanto verdadeiro como falso; de maneira que se Ulisses era falso, é força que, de modo análogo, seja verdadeiro, e se Aquiles fosse verdadeiro, não seria falso? Que não diferem um do outro? Que também não se opõem, mas são semelhantes?

Hípias – Tu nunca cessas, Sócrates, de tecer semelhantes raciocínios. Isolas, num argumento, a questão mais espinhosa e aténs-te a ela, apegado a minúcias, em vez de travar o debate sobre o conjunto do assunto em discussão. [369c] É assim que, agora mesmo, se queres, te demonstrarei com argumentação apropriada, apoiando-me sobre uma multidão de provas, que Homero pintou Aquiles como superior a Ulisses e isento de falsidade, enquanto, ao outro, o pintou astuto, fértil em falsidades e inferior a Aquiles. Por sua vez, se isso te agrada, podes confrontar argumento com argumento, sustentando que o segundo é melhor; desta maneira as pessoas saberão quem fala melhor que o outro.

[369d] Sócrates – Hípias, não duvido, certamente, que sejas mais sábio que eu! Mas o meu hábito é prestar sempre toda a atenção, quando alguém diz alguma coisa, especialmente quando, na minha opinião, aquele que fala é um homem sábio; e como desejo aprender aquilo de que fala, interrogo-o em detalhe, examino e reexamino, junto as coisas que disse – com o único fim de compreender. Quando, pelo contrário, aquele que fala, na minha opinião, é alguém que pouco conta, nem lhe ponho questões, nem me preocupo com o que disse! Assim reconhecerás aqueles que considero sábios; [369e] pois encontrar-me-ás, junto deles, aplicado infatigavelmente às palavras que pronunciam, interrogando-o, para ficar a dever-lhes o que aprendi!

É assim que agora me pus a reflectir sobre a tua afirmação, relativa aos versos citados agora mesmo, nos quais, segundo dizes, Aquiles se dirige a Ulisses como a um impostor[10]. O que me deixa perplexo, supondo-a verdadeira, é que, em nenhum lugar em Homero, se vê Ulisses dizer falsidades, ele o homem versátil, enquanto essa versatilidade de que falas se vê em Aquiles! [370a] Em todo o caso, diz falsidades. Para começar, de facto, pronuncia os versos que agora mesmo citavas:

> **"Pois, não menos que as portas do Hades,**
> **abomino o homem que oculta uma coisa no seu coração e diz outra!"**

[10] *Alazona* significa tanto impostor como gabarola.

[370b] Um pouco mais adiante, declara que a sua decisão não mudará com nada do que digam Ulisses e Agamémnon e que se recusa absolutamente a permanecer em Tróia; pelo contrário anuncia:

> **"Amanhã, depois de ter oferecido sacrifícios a Zeus e a todos os deuses,**
> **depois de ter carregado os meus navios,**
> **hão-de ver-me vogar de manhã cedo no Helisponto cheio de peixes,**
> **[370c] com os meus homens ardentes no remo!**
> **E se o glorioso deus que faz tremer a terra[11] me der uma travessia feliz,**
> **em três dias terei chegado à fértil Ftia".**

Ora, antes destas palavras, disse também, quando insultava Agamémnon:

> **"Nesta hora parto para a Ftia; com efeito é muito melhor para mim**
> **regressar ao meu país nos meus navio recurvos, pois não é minha intenção**
> **permanecer aqui, sem honras, para te proporcionar prosperidade e riquezas." [370d]**

Depois de ter falado assim, tanto em frente de todo o exército, como diante dos seus próprios camaradas, em nenhuma passagem o vemos fazer preparativos para a viagem, nem lançar ao mar os seus navios para os fazer à vela em direcção ao seu país; mas vemos, pelo contrário, quando se trata de dizer a verdade, uma soberba despreocupação! Ora Hípias, o que na minha perplexidade te perguntava desde o começo era qual dos dois homens o poeta apresenta como mais valoroso [370e], julgando pela minha parte, um e outro excelentes, julgando difícil decidir qual dos dois tem mais valor, tanto em relação à veracidade e falsidade, como em qualquer outra excelência, pois a este respeito também estão muito próximos um do outro.

Hípias – É que, Sócrates, tu não vês bem a questão. As coisas falsas que Aquiles diz, não as diz evidentemente por desígnio, mas involuntariamente, constrangido pela situação crítica do exército a permanecer e a prestar a sua ajuda. Pelo contrário, aquelas que Ulisses diz, di-las voluntariamente e com desígnio.

Sócrates – Hípias, meu caro, abusas de mim! Tu próprio imitas Ulisses!

---

[11] Ou seja Poseidon, deus dos mares.

[371a] Hípias – De modo nenhum Sócrates! Em quê e porquê?

Sócrates – Afirmas que Aquiles não diz coisas falsas intencionalmente. Ora Aquiles, não contente em ser um impostor, é além disso um forjador de ardis, segundo o retrato que Homero faz, capaz de astúcia tão visivelmente superior à de Ulisses que não tem dificuldade em evitar que este repare na sua própria astúcia; diante de Ulisses ousa mesmo contradizer-se, sem que o outro se aperceba! [371b] Pelo menos naquilo que Ulisses lhe responde, este não revela consciência de que o outro abusa dele com falsidades.

Hípias – A que te referes, Sócrates, com as tuas palavras?

Sócrates – Não conheces a história? Depois de ter dito a Ulisses que se faria à vela com a aurora, vai em seguida ter com Ájax, declarando-lhe uma coisa diferente: que não se fará à vela!

Hípias – Em que passagem?

Sócrates – Nos versos seguintes:

> "Não, sabeis, antes de pensar na guerra sangrenta [371c]
> antes que o sábio filho de Príamo, o divino Heitor, tenha conseguido
> massacrar os Aqueus até às tendas e navios dos Mirmidões,
> antes de ter consumido pelo fogo os navios.
> Quanto a mim, contra a minha tenda e o meu negro navio,
> gabo-me de forçar Heitor, mau grado o seu ardor, a abandonar o combate[12]".

[371d] Ora, Hípias, crês tu que o filho de Tétis, educado pelo sábio Quíron, tem falta de memória ao ponto de, depois de ter vituperado com as piores injúrias os impostores, declarar sem mais delongas a Ulisses que se faria à vela e a Ájax, pelo contrário, que permaneceria? Não crês antes que o fez intencionalmente, tomando Ulisses por um velho

---

[12] Várias palavras citadas por Sócrates são diferentes do texto de Homero que nos chegou.

embrutecido, em relação ao qual leva a melhor na arte de usar a astúcia e de dizer falsidades?

Hípias – Essa não é, Sócrates, a minha opinião! Creio antes que, na passagem em causa, é a sua candura[13] que o fez mudar de opinião [471e] e dizer a Ájax coisa diferente do que tinha dito a Ulisses. Ao passo que Ulisses, mesmo quando diz a verdade, di-la sempre com cálculo, como também quando diz falsidades.

Sócrates – Então Ulisses, ao que parece, tem mais valor que Aquiles!

Hípias – Não, claro que não, nunca!

Sócrates – Mas como? Não vimos agora mesmo que eram melhores aqueles que diziam falsidades voluntariamente do que aqueles que as diziam involuntariamente?

[372a] Hípias – Ora Sócrates, como seria possível que aqueles que são voluntariamente injustos, que têm a intenção de fazer dano e realmente o fazem, fossem melhores do que aqueles que o fazem de modo involuntário? Estes últimos, julga-se, merecem indulgência, pois é inconscientemente que cometem a injustiça, ou dizem falsidades, ou fazem algum outro mal. Acresce que as leis são incontestavelmente mais rigorosas em relação àqueles que fazem voluntariamente o mal, ou dizem falsidades, do que em relação àqueles que agem assim involuntariamente.

[372b] Sócrates – Vês, Hípias, que digo a verdade, quando falo da tenacidade com que interrogo os sábios! Há mesmo hipóteses de que seja a única coisa que tenho de bom, sendo de resto imprestável. Quando me confronto com a realidade dos factos, fico surpreendido e

[13] Seguindo os manuscritos T e W *euêtheias* significa integridade, simplicidade ou candura, em vez da escolha de Burnet *eunoisas* (gentileza) baseada apenas no manuscrito F.

não sei como são. Julgo que fica provado à saciedade pois, se me encontro na companhia de um de vós, homens prestigiados pelo seu saber, cuja sabedoria encontra nos Gregos de toda a parte muitas testemunhas, parece-me que nada sei; pois não há nada, por assim dizer, em que seja da mesma opinião que vós!

[372c] Não há certamente prova mais decisiva de ignorância que estar em desacordo com tantos sábios. Por outro lado, possuo um único e maravilhoso bem, que me salva: é que não coro ao procurar aprender mas, pelo contrário, informo-me, interrogo e tenho para com aqueles que me respondem uma extrema gratidão; gratidão que nunca escondi a quem me ensinou! Pois nunca neguei ter aprendido isto ou aquilo, fazendo passar o que me ensinaram por uma invenção da minha lavra; pelo contrário, presto homenagem ao saber daquele que me ensinou e revelo o que aprendi com ele! É também natural também que, presentemente, [372d] não esteja de acordo contigo sobre o que dizes e, pelo contrário, que me distancie de maneira muito marcada. É culpa minha, sei-o perfeitamente, porque para não dizer nada exagerado, sou exactamente como sou! Para mim, Hípias, é com efeito evidente que as coisas são opostas ao que dizes: os homens que prejudicam os seus semelhantes, aqueles que cometem injustiças, dizem falsidades, abusam dos outros ou incorrem em faltas voluntariamente; esses valem mais que aqueles que o fazem involuntariamente. Por vezes, é verdade, penso também o inverso e o meu espírito vacila, [372e] devido à minha falta de saber. Mas o facto é que, neste momento, sou tomado por uma febre e julgo que aqueles cujas faltas são voluntárias, no quer que seja, são melhores que aqueles em que são involuntárias! Ora, no estado em que me encontro, considero que a responsabilidade cai sobre as nossas afirmações anteriores: responsáveis por me fazer ver agora, no momento presente, que aqueles que fazem, sem o querer, cada um destes actos, são mais miseráveis[14] que aqueles que o fazem voluntariamente! Sê, pois, bondoso comigo! Não recuses ser o médico da minha alma; pois prestas-me seguramente um serviço maior livrando a alma da ignorância do que me prestarias [373a] se curasses o meu corpo de uma doença. Mas

[14] *Ponêros*: inúteis, moralmente depravados, mas a palavra é ambígua e Sócrates parece referir-se à "competência" e não ao juízo moral, portanto uma tradução mais exacta poderia ser "sem valor".

previno-te, se é tua intenção pronunciar um longo discurso, não é dessa maneira que me podes curar, pois não conseguiria seguir-te! Mas se consentes em responder-me como há pouco, ser-me-ás muito útil e, por outro lado, também não sairás prejudicado. E é justo, filho de Apemanto, apelar a ti, visto que foste tu que me incitaste a começar a conversa com Hípias. Assim, caso Hípias, não consinta agora em responder-me, insiste em meu lugar!

Êudico – Sócrates, não creio que Hípias [373b] precise de modo nenhum que insistamos! Não disse inicialmente algo desta espécie: que não se esquivaria às interrogações de ninguém! Não é verdade, Hípias, que o dizias?

Hípias – Perfeitamente! Mas, ó Êudicos, Sócrates não cessa de dificultar aos meus argumentos e parece malicioso!

Sócrates – Meu excelente Hípias, pelo menos não é voluntariamente que o faço! Pois, para isso, segundo as tuas próprias palavras, teria de ser sábio e engenhoso! É antes involuntariamente: sê indulgente comigo visto que dizes que se deve ter mais indulgência com aqueles que fazem o mal sem o querer.

[373c] Êudico – Não faças outra coisa, Hípias! Tanto pela tua preocupação connosco como pelas palavras que disseste inicialmente, responde às questões que Sócrates te coloca!

Hípias – Pois bem! Responderei, uma vez que és tu que me pedes. Faz então à vontade as tuas perguntas…

Sócrates – É certo, Hípias, que tenho uma grande vontade de examinar a fundo a questão de que agora falávamos: quem é melhor, aqueles cuja falta é voluntária ou aqueles cuja falta é involuntária? Ora, julgo que encontrei agora a maneira mais correcta de proceder a este exame. Vamos, responde-me: consideras que há algum bom corredor?

Hípias – Sim, é claro.

[373d] Sócrates – E um mau corredor?

Hípias – Sim.
Sócrates – Mas o bom atleta é aquele que corre bem? E mau atleta aquele que corre mal?

Hípias – Sim.

Sócrates – Ora, o que corre lentamente corre mal? Aquele que corre depressa, corre bem?

Hípias – Sim.

Sócrates – Portanto, na competição atlética e na corrida, o bem está na rapidez e a lentidão é um mal?

Hípias – Como podia ser de outro modo!

Sócrates – Mas qual é o melhor corredor? Aquele que corre lentamente de modo voluntário ou aquele que o faz involuntariamente?

Hípias – Aquele que o faz voluntariamente.

Sócrates – Mas correr não é uma acção?

Hípias – Claro que sim.

Sócrates – Então, se é uma acção, não visa também algum resultado?

[373e] Hípias – Sim.

Sócrates – E aquele que corre mal obtém um resultado sem mérito nem nobreza?

Hípias – Sim, sem mérito, como se pode negá-lo?

Sócrates – Ora, aquele que corre lentamente corre mal?

Hípias – Sim.

Sócrates – Então, quando o bom corredor obtém este resultado sem mérito nem nobreza não é voluntariamente? Ao passo que mau corredor o faz involuntariamente?

Hípias – Pelo menos é verosímil.

Sócrates – Portanto, quem, involuntariamente obtém um mau resultado na corrida não é mais miserável do que aquele que o obtém voluntariamente? [374 a]

Hípias – Talvez na corrida!

Sócrates – E então na luta? Qual é o melhor lutador? Aquele que cai por terra voluntariamente ou aquele que o faz contra a sua vontade?

Hípias – Parece-me que aquele que cai por terra voluntariamente.

Sócrates – Ora, na luta, o que há de mais miserável e mais desonroso? Derrubar ou cair por terra?

Hípias – Cair por terra!

Sócrates – Então na luta, aquele que voluntariamente obtém resultados mais miseráveis e desonrosos é melhor lutador do que aquele que os obtém contra a sua vontade?

Hípias – Aparentemente!

Sócrates – E agora em qualquer outro uso do corpo? Aquele que tem corpo superior não é o que é capaz de obter ambos os resultados, força ou fraqueza, nobreza ou desonra? [374b] Não se deduz que é fisicamente mais dotado aquele que obtém melhores resultados do que o mais miserável e que ele os obtém deliberadamente e o outro involuntariamente?

Hípias – No que se refere a provas de força, assim parece.

Sócrates – Falemos então da graça, Hípias. Não é próprio da excelência física assumir poses vis e deficientes voluntariamente, ao contrário daqueles que não a possuem e cuja deficiência é involuntária? O que pensas?

Hípias – Isso mesmo.

[374c] Sócrates – Portanto uma pose deformada, quando deliberada, baseia-se na excelência física, enquanto se for involuntária se baseia num defeito.

Hípias – Assim parece.

Sócrates – E sobre o canto, que me dizes? Na tua opinião é melhor aquele que desafina porque quer, ou o que desafina involuntariamente?

Hípias – O que desafina voluntariamente.

Sócrates – O outro é portanto inferior?

Hípias – Sim.

Sócrates – Ora parece-te preferível possuir as boas ou más qualidades?

Hípias – As boas.

Sócrates – Preferias, por exemplo, que os teus pés coxeassem voluntariamente, ou involuntariamente?

[474d] Hípias – Voluntariamente.

Sócrates – Mas coxear não é um defeito e uma deformidade dos pés?

Hípias – Sim

Sócrates – E sobre a miopia, que me dizes? Não é um defeito da vista?

Hípias – Sim.

Sócrates – Ora o que parece preferível, fazer de míope e vesgo com os olhos, ou ser míope e vesgo involuntariamente?

Hípias – Fazer de míope e vesgo.

Sócrates – Então, no que se refere às tuas faculdades, consideras que um resultado deficiente obtido voluntariamente é superior a um involuntário?

Hípias – Nos casos que indicaste, sim.

Sócrates – E em todos os dessa espécie: ouvidos, nariz, boca, numa palavras todos os órgãos dos sentidos, quando funcionam mal involuntariamente são defeituosos e indesejáveis [474e], mas se funcionam mal só voluntariamente é porque são bons e logo desejáveis.

Hípias – Assim parece.

Sócrates – E no caso do uso de instrumentos? O que é superior, aquele de que nos servirmos deliberadamente mal, ou um que funciona deficientemente sem o desejarmos? Por exemplo, um leme, é superior aquele que nos faz desviar do rumo contra vontade, ou aquele que nos desvia voluntariamente?

Hípias – Aquele que o faz voluntariamente.

Sócrates – Não acontece o mesmo com um arco, uma lira, uma flauta[15] e com todos os outros instrumentos?

[375a] Hípias – É verdade o que dizes.

[15] Rigorosamente o *aulos.*

Sócrates – E no que respeita ao espírito de um cavalo? Vale mais possuir um cavalo que nos deixe montá-lo mal deliberadamente, ou outro que nos faça montá-lo mal involuntariamente?

Hípias – Vale mais o que o faz voluntariamente.

Sócrates – Porque é melhor…

Hípias – Sim.

Sócrates – Portanto, se um cavalo é dotado de melhor espírito, podemos montá-lo mal deliberadamente, mas se é de má qualidade, esse mau resultado é involuntário?

Hípias – Sem dúvida.

Sócrates – E é também o caso do cão ou qualquer outro animal?

Hípias – Sim.

Sócrates – E no que respeita ao espírito de um homem, um arqueiro por exemplo? É preferível possuir um espírito que erre o alvo deliberadamente, ou um que erre involuntariamente? [375b]

Hípias – O que o faz deliberadamente.

Sócrates – Esse é portanto melhor no manejo do arco?

Hípias – Sim.

Sócrates – Quer dizer que o espírito que erra sem querer é inferior ao que o faz deliberadamente?

Hípias – No manejo do arco, sim.

Sócrates – E na medicina? Se o espírito a exerce mal deliberadamente nos enfermos, não é porque domina melhor a medicina?

Hípias – Sim.

Sócrates – Portanto, nessa arte, é superior ao espírito de outro que não domine a medicina?

Hípias – Sim, é superior.

Sócrates – Então e um espírito que domine o uso da cítara, da flauta e de tudo o que se refere às demais artes e saberes: [375c] não é melhor o que comete erros de propósito e os exercita mal e sem mérito, enquanto aquele que os faz involuntariamente é mais miserável?

Hípias – Assim parece.

Sócrates – E não teremos que preferir, julgo eu, aqueles escravos cujo espírito os leva a cometer erros e fazer danos deliberadamente aos que o fazem involuntariamente, pois é sinal de que são melhores nessas matérias?

Hípias – Sim.

Sócrates – E quanto a nós, não desejamos nós que a nossa alma seja tão excelente quanto possível?

[375d] Hípias – Sim.

Sócrates – Pois bem, será melhor se uma alma comete erros e faz danos deliberadamente, ou se o faz involuntariamente?

Hípias – Seria terrível, Sócrates, se quem comete voluntariamente a injustiça fosse melhor que quem a comete involuntariamente!

Sócrates – Mas não é essa a conclusão evidente do nosso discurso?

Hípias – Para mim, não!

Sócrates – E eu que pensava que também para ti era evidente! Responde-me novamente: não entendes por "justiça" uma espécie de capacidade[16] ou de conhecimento, ou ambas as coisas? A justiça não deve ser, pelo menos, uma delas?

[375e] Hípias – Sim.

Sócrates – Ora bem, se a justiça é uma capacidade, então a alma mais capaz não é também a mais justa? Não ficou claro que as melhores almas são precisamente as desta espécie?

Hípias – Sim, com efeito.

Sócrates – E se a justiça consiste num saber? Então a alma mais sábia será também a mais justa, enquanto a mais ignorante será a mais injusta, não é assim?[17] E se consiste em ambas

[16] Poderia traduzir-se também por poder ou força anímica.

as coisas – conhecimento e capacidade? Não é a posse de ambas que torna uma alma justa e a ignorância que a torna injusta? Não será forçosamente assim?

Hípias – Assim parece.

Sócrates – Com efeito, aqui chegámos: a alma melhor é evidentemente a que tem mais capacidade e sabedoria [376a], mas também a que tem mais poder para agir das duas formas em qualquer acção: a nobre[18] e a desonrosa.

Hípias – Sim.

Sócrates – Portanto, quando pratica acções desonrosas fá-lo deliberadamente, em virtude de arte ou capacidade. E uma ou ambas são evidentemente atributos da justiça.

Hípias – É verosímil.

Sócrates – E, pelo menos, cometer injustiças é fazer dano, enquanto não as cometer é o que é nobre.

Hípias – Sim.

Sócrates – Por outro lado, se a melhor alma é a mais capaz, ao cometer uma injustiça há-de fazê-lo voluntariamente, enquanto uma miserável o fará involuntariamente?

Hípias – Assim parece.

---

[17] Burnet atribui um"Sim" a Hípias mas este não se encontra em nenhuma das famílias de manuscritos.
[18] Ou bela.

[376b] Sócrates – Ora o homem bom é o que possui uma boa alma e o homem mau o que possui uma má alma?

Hípias – Sim.

Sócrates – Logo, só o homem bom comete injustiças voluntariamente; o mau comete-as involuntariamente, se realmente é o homem bom que possui uma boa alma.

Hípias – Claro que é.

Sócrates – Donde se conclui que aquele que aquele que voluntariamente erra e comete acções desonrosas e injustas, se é que tal homem existe, não pode ser, Hípias, senão o homem bom.

Hípias – É neste ponto, Sócrates, que não posso concordar contigo.

Sócrates – Nem sequer eu comigo próprio, Hípias, mas é esta, por agora, a conclusão evidente da nossa argumentação. [376c]. Aí está, Hípias, o que há pouco te dizia: nestes assuntos vacilo[19] seguindo o curso dos argumentos. Não é surpreendente que eu, ou qualquer outro homem, estejamos à deriva, mas que vós os sábios estejam sujeitos às mesmas flutuações, eis o que é terrível, pois nem depois de nos dirigirmos a vós a nossa hesitação cessa.

[19] *Planein,* na passiva significa deambular, ou estar perdido. Cfr. *Hípias Maior* 304c.